



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)**

**COMBATE AO ABUSO SEXUAL: UMA ABORDAGEM SENSÍVEL E
EDUCATIVA PARA A AULA DE LITERATURA¹**

**COMBATING SEXUAL ABUSE: A SENSITIVE AND EDUCATIONAL
APPROACH FOR LITERATURE CLASSES**

Celivânia de Sena Menezes²
Dra. Karla Raphaella Costa Pereira³

RESUMO

O abuso sexual contra crianças e adolescentes é um problema social grave e crescente no Brasil, sendo pouco debatido no ambiente escolar. A escola, no entanto, é um espaço importante para a proteção e o acolhimento das vítimas. O objetivo geral desse trabalho foi propor uma abordagem sensível para o tema abuso sexual nas aulas de literatura visando o seu combate. O estudo seguiu uma abordagem bibliográfica, voltada a caracterizar a violência e buscar colaborar com uma abordagem prática. O que foi realizado na pesquisa inclui uma revisão teórica sobre o abuso sexual e a análise de obras literárias que tratam do tema. Foram analisados textos de Conceição Evaristo e Clarice Lispector, que resultou na criação de uma proposta didática para o componente a área de linguagens e suas tecnologias em turmas de terceiro ano de ensino médio. Os resultados demonstram que a literatura é uma ferramenta eficaz para problematizar a violência de forma sensível e educativa. A proposta didática elaborada busca fortalecer a voz de crianças e adolescentes. A pesquisa possui uma relevância, pois preenche uma lacuna de estudos e relaciona o combate ao abuso sexual e o ensino de literatura. Portanto, concluiu-se que a aula de literatura pode superar tabus e auxiliar os estudantes a reconhecerem e denunciarem situações de violência.

Palavras-chave: abuso sexual; literatura; ensino; pedagogia histórico-crítica.

ABSTRACT

Child sexual abuse is a severe and growing social problem in Brazil, yet it is seldom discussed within the school environment. The school, however, is a crucial space for the protection and support of victims. The overarching objective of this study was to propose a sensitive approach to addressing the issue of sexual abuse in literature classes as a means of combating it. This

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras Português, no dia 10 de dezembro de 2025, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras junto a Universidade Federal Rural do SemiÁrido (UFERSA).

² Orientanda do Curso de Graduação em Letras Português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/9624249127785194>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3958-3795>. E-mail: celivania.menezes@alunos.ufersa.edu.br.

³ Orientadora do Curso de Graduação em Letras português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/6592056073051492>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7507-4627>. E-mail: karla.costa@ufersa.edu.br.

research adopted a bibliographic methodology, aimed at characterizing this form of violence and developing a practical pedagogical approach. The research involved a theoretical review of sexual abuse and an analysis of literary works that address the subject. Texts by Conceição Evaristo and Clarice Lispector were examined, leading to the creation of a didactic proposal for the literature curriculum in the high school. The results indicate that literature is an effective tool for problematizing violence in a sensitive and educational manner. The developed didactic proposal seeks to strengthen the voice of children and adolescents. This research holds significant relevance, as it addresses a gap in the literature by establishing a connection between sexual abuse and the teaching of literature. It is therefore concluded that literature can overcome taboos and assist students in recognizing and reporting situations of violence.

Keywords: sexual abuse, literature, teaching literature, historical-critical pedagogy.

1 INTRODUÇÃO

Abuso sexual infantil ainda é um assunto pouco falado na nossa sociedade, principalmente no âmbito escolar, apesar do fato de que os índices têm mostrado aumento de casos constantes contra crianças e adolescentes. Considerando a gravidade desse tipo de crime, é de extrema importância ele ser abordado nas escolas e nas universidades. De acordo com dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (Brasil, 2023), o Disque 100 registrou mais de 536,1 mil denúncias de abuso sexual, no ano de 2023. Já em 2024, o Disque 100 registrou 657,2 mil denúncias de abuso sexual.

Diante desse volume de denúncias, acreditamos que assumir a discussão sobre o tema, em nosso trabalho de conclusão de curso, é uma contribuição para avançar nesse cenário. Ressaltamos que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), uma lei federal, estabelece que as crianças e os adolescentes são sujeitos que demandam proteção da família, da sociedade e do Estado, portanto a escola é um local que precisa protegê-los desse crime.

Ao realizar uma busca preliminar sobre o tema desta pesquisa, no Portal de Periódicos CAPES, identificamos a ausência de investigações da área. Para o descritor exato *abuso sexual*, foram encontrados 2.751 artigos, número pequeno se levamos em conta a importância do tema. Para a segunda busca, adicionamos o termo exato *ensino de literatura*; desta vez, não apareceu nenhum artigo científico que relacionasse *abuso sexual* e *ensino de literatura*, portanto nossa pesquisa é relevante para a área de conhecimento, já que a área é carente de estudos nesse tema.

Nossa questão de pesquisa voltava-se a pensar como abordar o tema do abuso sexual nas aulas de literatura com vistas a combatê-lo. A partir desse problema, iniciamos este trabalho com a hipótese de que, ao abordar o tema abuso sexual, por meio da literatura, em sala de aula, os docentes poderiam ajudar a superar tabus e facilitar o diálogo entre professores, alunas e alunos, ajudando os e as discentes vítimas de violência a reconhecer e a denunciar casos de abusos, bem como colaborar no combate ao abuso sexual e na proteção às crianças e aos adolescentes.

O objetivo geral desta pesquisa foi propor uma abordagem do assunto abuso sexual para as aulas de literatura com vistas a combatê-lo. Os objetivos específicos a seguir guiaram as etapas da pesquisa e indicaram a metodologia desenvolvida ao longo do trabalho, detalhando as ações necessárias para alcançar o objetivo geral desta investigação: a) caracterizar o abuso sexual como uma violência social, destacando suas formas de ocorrência e impactos; b) identificar e selecionar obras literárias que abordam o tema do abuso sexual e analisar como podem ser trabalhadas em sala de aula; e, por fim, c) desenvolver estratégias pedagógicas para

abordar o tema do abuso sexual nas aulas de literatura de forma ética e sensível, evitando desconforto e revitimização.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa-ação, pois, conforme Gil (2021), ela busca avaliar um problema específico e propor uma solução prática para ele. Executa, como etapas intermediárias, a análise de obras literárias, textos teóricos e outras produções que abordam o tema abuso sexual e sua relação com a literatura. O estudo bibliográfico possibilita a formação de uma base teórica consistente, permitindo a análise de diversos debates sobre o assunto.

O primeiro objetivo específico foi desenvolvido como uma parte bibliográfica, mediante revisão de literatura, que buscou caracterizar o abuso sexual como uma violência. Tratou-se, portanto, de uma parte exploratória, já que a pesquisa se fundamenta em produções teóricas que abordam o tema proposto.

Para executar o segundo objetivo específico, foi realizado um levantamento de obras literárias que abordassem, em sua representação, casos de abuso sexual, mesmo que este não fosse um fato central do enredo. As obras foram selecionadas conforme foram sendo encontradas, algumas faziam parte da formação leitora das autoras, outras foram surgindo em buscas na Rede Mundial de Computadores. Organizamos sinopses dos textos e os apresentamos em forma de lista como produto deste artigo.

Além disso, para garantir o terceiro objetivo específico, foi elaborada uma proposta pedagógica e indicadas sugestões de atividades para ajudar os professores a abordarem o tema em sala de aula de forma sensível, incluindo discussões, mas garantindo a possibilidade de que a abordagem torne a sala de aula um lugar seguro e acolhedor.

Esperamos que os educadores possam se apropriar deste trabalho, utilizando as estratégias pedagógicas para introduzir um assunto tão importante em sala de aula, pois o objetivo dessa pesquisa é fazer com que os professores percebam a necessidade de abordar esse assunto e consigam conscientizar os alunos do que seria o abuso sexual para combatê-lo.

O trabalho se divide em três partes. Na primeira parte, *titulado abuso sexual: um tema delicado que precisa ser enfrentado*, expomos um estudo teórico sobre o tema do abuso sexual, indicando importantes percepções teóricas e legais sobre ele, pois é preciso conhecer essa temática e ainda desenvolver sensibilidade para abordá-la. Em seguida, na *seção Shirley Paixão* apresentamos a análise de três textos selecionados da lista de obras literárias que abordam o tema do abuso sexual construída a partir dos estudos desta pesquisa, são eles: o poema *A menina e a pipa-borboleta* e o conto *Shirley Paixão* de Conceição Evaristo e o conto *Preciosidade* de Clarice Lispector. A análise dos textos fundamenta a terceira parte do artigo que apresenta uma

proposta pedagógica para abordar o tema do abuso sexual em sala de aula, conforme o terceiro objetivo específico apresentado.

Abuso sexual e ensino de literatura: uma abordagem sensível e educativa busca analisar como a literatura pode ser uma ferramenta para tratar esse assunto de forma sensível e pedagógica, pois, muitas vezes, há alunos que sofrem abuso, mas não sabem ou não conseguem falar sobre o assunto. Como hipótese, nossa pesquisa defende que, ao abordar o tema abuso sexual, por meio da literatura, em sala de aula, a prática pedagógica exerce uma função social importante para o combate do abuso, facilitando o diálogo sobre o tema.

Usar a literatura para falar sobre esse assunto nos parece uma boa alternativa, já que ela apresenta diversas maneiras de observar temas sensíveis como esse, através da produção de diversos gêneros textuais literários, promovendo também o pensamento crítico dos alunos sobre a violência que é o abuso sexual, em nossa sociedade. Embora haja uma resistência social que dificulta o avanço de políticas públicas de currículo, deixando a abordagem do tema a cargo dos professores, é preciso disputar a importância da temática.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito à falta de autonomia das escolas públicas para abordar o tema, tendo em vista a perseguição que a educação sexual como temática curricular enfrenta por parte de parlamentares e pessoas da sociedade civil. Todo esse contexto reforça a importância do tema aqui abordado.

2 ABUSO SEXUAL: UM TEMA DELICADO QUE PRECISA SER ENFRENTADO

O abuso sexual contra crianças e adolescentes é um problema grave que acontece com muita frequência na nossa sociedade. A experiência traumática do abuso gera diversas consequências para o desenvolvimento físico, emocional e social das vítimas. Infelizmente, muitas vezes, o abuso é praticado por pessoas do círculo íntimo da vítima, fazendo com que as crianças e os adolescentes sejam silenciados. A escola, portanto, deve ser um espaço acolhedor para escutar e ajudar a combater essa violência que muitos estudantes, meninos e meninas, sofrem todos os dias na nossa sociedade.

De acordo com Habigzang e Caminha (2004, p. 25), o “abuso sexual é definido como todo ato ou jogo sexual, reação hetero ou homossexual, cujo agressor esteja em estágio mais adiantado que a criança ou adolescente”. Os autores evidenciam, ainda, que o abuso pode acontecer em relações de poder, nas quais o agressor pode ter domínio sobre a vítima. Além do contato físico, ele pode ser manifestado como negligência, abuso psicológico, através de manipulação, e pode acontecer também no ambiente virtual, pois muitos agressores podem usar

a internet para manipular crianças e adolescentes. Dependendo da situação, a vítima pode não conseguir falar sobre o acontecido por medo do agressor, podendo sofrer ameaças, mas também por medo das pessoas não acreditarem em sua história.

Maria Ferreira (2002, *apud* Oliveira; Silva; Maia, 2020, p. 7) “evidencia que a violência se trata também, de uma violação ao direito de ser cidadão/cidadã edificador/a da sua própria história”. A autora nos faz refletir sobre a violência para além do ato físico, pois, quando uma criança ou adolescente é abusada (o) a liberdade dela (o) está sendo roubada. A violência sexual pode comprometer a sua construção de identidade, quando ela não tem o direito de contar sua própria história. Esse tipo de violência afeta profundamente a formação emocional e social da vítima, fazendo com que ela mude a maneira como vê o mundo e as pessoas.

Para ser considerado abuso sexual, a violência não precisa ocorrer como estupro; o abuso pode acontecer indiretamente, através de carícias, toque ao corpo da criança ou adolescente sem permissão e, até mesmo, exposição forçada a conteúdos sexuais. Segundo Esquivel *et al.* (2020, p. 309), o abuso sexual, portanto, pode se dar tanto com a intervenção direta do adulto sobre o corpo da criança, quanto em atos de mera exposição ou carícia sensual para alcançar um resultado de satisfação do autor.

As pesquisas demonstram que crianças e adolescentes podem ser afetados pelas experiências de abuso sexual de diferentes formas: algumas apresentam efeitos mínimos ou nenhum efeito aparente, enquanto outras desenvolvem severos problemas emocionais, sociais e/ou psiquiátricos (Heflin; Deblinger, 1999; Saywitz; Mannarino; Berliner; Cohen, 2000, *apud* Habigzang; Caminha, 2004, p. 46).

De acordo com os autores, algumas vítimas podem não apresentar traumas persistentes, já outras podem manifestar dificuldades emocionais, psíquicas, entre outras; isso depende de como a vítima é tratada após falar sobre o abuso, como ela é acolhida se ela vai receber ou não o tratamento adequado. É de grande importância que a vítima seja acolhida, e tenha uma rede de apoio, nessa fase, muitas vezes, a própria família abandona a vítima e isso gera ainda mais trauma, será necessário enfrentar tal situação sozinha. Segundo Habigzang e Caminha (2004, p. 48),

Crianças ou adolescentes vítimas de abuso sexual podem desenvolver quadros de depressão, transtornos de ansiedade, transtornos alimentares, transtorno dissociativo, transtorno de hiperatividade e déficit de atenção e transtorno de personalidade borderline.

Habigzang e Caminha (2004) destacam, ainda, que crianças e adolescentes que enfrentam uma situação de abuso podem encontrar dificuldades para se relacionar com amigos, familiares

e com professores, já que o trauma pode refletir na vida escolar. Esse tipo de violência é tão grave que as vítimas podem desencadear diversos transtornos para o resto de sua vida. O trauma pode ser tão grande que ela acaba desenvolvendo uma insegurança para viver em sociedade portanto, é fundamental que os profissionais da educação estejam atentos aos sinais no comportamento dos alunos, pois, muitas vezes, eles são indicações de que há algo errado ocorrendo com a criança.

Esquivel *et al.* (2020, p. 312) destacam que, “Desta forma, resta clara a importância do debate a respeito do abuso sexual infantil em todos os espaços possíveis de discussão”. Falar sobre esse assunto, no âmbito escolar, é de grande importância, tendo em vista que a escola é um espaço onde crianças e adolescentes passam a maior parte do tempo. É fundamental que os professores saibam falar sobre esse assunto em sala de aula, além disso os professores precisam saber lidar com possíveis situações de abuso vivenciadas por seus alunos.

De acordo com Oliveira, Silva e Maio (2020, p. 3), “Esse cenário faz pensar que docentes e alunos/as estabeleçam diálogos acerca das questões voltadas a sexualidade (limites do corpo, sentimentos, direitos etc.), de modo a ponderar sobre esse tema que ainda é um tabu [...]”. Os autores evidenciam a necessidade de discutir, no âmbito escolar, sobre sexualidade e sobre os direitos que as crianças e adolescentes têm. É fundamental que os alunos aprendam sobre o assunto e saibam que podem falar caso algo aconteça com eles e que sejam capazes de reconhecer também quando alguém ultrapassar os limites de seu corpo. Ao falar sobre o assunto na escola ou em qualquer outro lugar, o tabu que foi construído e permanece até hoje vai de desconstruindo.

Não podemos deixar de apontar que esse assunto ainda é considerado um tabu social, embora o conhecimento e a atenção possam ser formas de prevenção, de combate e de identificação, porém para que possamos, socialmente, proteger nossas crianças e adolescentes, temos que começar a falar e a procurar maneiras de abordar esse assunto. Segundo Esquivel *et al.* (2020, p. 315),

Pensando nisto e compreendendo-se o fato de que a maior parte das denúncias de abusos sexuais infantis decorrem do ambiente escolar, é de fundamental importância a análise do papel dos educadores e suas responsabilidades quando identificada uma situação de abuso sexual infantil sofrido por algum aluno.

Os educadores precisam estar preparados para lidar com uma situação tão sensível como um abuso sexual, por isso é importante que haja formação sobre tal assunto para os profissionais da educação, visando prepará-los para lidar com a situação, conforme afirmaram os autores supracitados.

A legislação brasileira busca garantir e proteger a dignidade da criança e do adolescente, e o direito à integridade física e emocional da vítima. O Art. 213 do Código Penal define o

estupro como “Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (Brasil, 1940). Na Lei, o Art. 215-A determina o que é importunação sexual: “Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro” (Brasil, 1940). Já o Art. 216-A aborda o assédio sexual como o ato de “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função” (Brasil, 1940). Por fim, o Art. 217-A define como estupro de vulnerável “Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos” (Brasil, 1940).

É comum que professores tenham medo de se denunciar um abuso sexual, Williams e Habigzang (2014, p.13 *apud* Esquivel *et al.* 2020, p. 317) afirmam que “[...] alguns professores encontram obstáculos para realizar denúncias e proceder aos encaminhamentos corretos, tendo em vista o medo de cometer injustiças”. O medo de estar cometendo uma injustiça impede que muitos professores e pessoas que convivem com vítimas tenham medo de denunciar um caso de abuso, sendo essa prática parte da cultura que protege os assediadores. Esse medo pode estar relacionado à falta de diálogo entre as escolas e seus professores, pois, muitas vezes, os profissionais não são capacitados para essas ocorrências. Muitos professores não conseguem lidar com essa situação por não ter tido uma formação sobre o tema.

Não é só a escola quem tem a obrigação de proteger as crianças e os adolescentes, porém é na escola que os alunos passam a maior do tempo e, às vezes, acabam estabelecendo um vínculo com os professores, por isso a escola deve atuar na proteção das crianças e dos adolescentes e fortalecer uma rede de apoio. Oliveira, Silva e Maio (2020, p. 13) ressaltam que

Dentre as instituições cujo dever é proteger crianças e adolescentes, ganham destaque as unidades escolares, sobretudo pelo considerável tempo durante o qual, diariamente, esse público permanece em tal ambiente — em alguns casos, esses/as alunos/as ficam 8 horas por dia no colégio.

De acordo com Oliveira, Silva e Maio (2020, p. 18), “À medida que tais práticas são propostas pela ideia de empoderamento, crianças e adolescentes têm informações críticas para se defenderem de práticas abusivas que estejam em vias de se tornar cotidianas em suas vidas e de violar os seus direitos.” Ao terem acesso às informações sobre os limites do seu corpo, as crianças podem falar caso estejam sofrendo abuso, por isso é importante que a escola promova discursos, palestras ou atividades sobre esse tema, para que as crianças e adolescentes fiquem informados sobre esse tipo de violência, já que muitos alunos não têm acesso a essas informações no espaço familiar e ficam sem saber o que é violência sexual.

Ao entender que podem proteger e ajudar as crianças a falarem sobre esse assunto, os professores e demais profissionais da escola tornam-se importantes agentes dessa luta. É difícil encontrar maneiras de conversar sobre esse assunto em sala de aula, mas, por meio da literatura, é possível abordar esse tema, que é tão sensível, já que, na literatura, há contos, romances, crônicas, dentre outros gêneros literários, que abordam o assunto. Neves *et al.* (2024, p. 2) ressaltam que

A literatura desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois através dos livros, contos e histórias é possível trabalhar temas complexos como: educação sexual, prevenção do abuso sexual e canais de denúncia e proteção com abordagem lúdica e dinâmica.

Por meio da leitura literária, podem ser discutidos diversos assuntos sociais complexos que podem colaborar para o desenvolvimento de um pensamento crítico nos alunos. Candido (2006) cita Madame de Staël, informando que ela foi uma das primeiras a apontar que a literatura representa as condições sociais da sociedade em que surge. Segundo McDaniel (2021, *apud* Neves *et al.*, 2024, p. 5), “[...] a literatura pode ser uma ferramenta para inspirar, encorajar, informar e potencialmente promover mudanças na vida das pessoas”. Os alunos podem se inspirar em livros, contos, poemas e podem confiar aos professores alguma situação de violência que estão vivendo.

O objetivo de utilizar a literatura no sentido de debater a temática do abuso sexual visa fortalecer o conhecimento sobre o tema, bem como oportunizar debates e experiências literárias que enriqueçam a leitura de mundo de professores e, principalmente, das alunas e dos alunos crianças e adolescentes. Ao lerem situações de violência nas narrativas literárias, os alunos podem identificar os sinais de abuso e pedir ajuda. Os professores e o trabalho pedagógico não vão solucionar o problema do abuso sexual, mas podem ajudar a superar tabus e a conscientizar possíveis vítimas, estudantes vulneráveis, de um problema real.

3 SHIRLEY PAIXÃO, A MENINA E A PIPA-BORBOLETA E PRECIOSIDADE: A REPRESENTAÇÃO DO ABUSO SEXUAL NA LITERATURA

Neste tópico, procedemos a análise de três obras que abordam o tema do abuso sexual. Trata-se de um conto e um poema de Conceição Evaristo, *Shirley Paixão* e *A menina e a pipa-borboleta*, respectivamente, e um conto de Clarice Lispector, *Preciosidade*. O conto *Shirley Paixão* foi publicado em 2016 na coletânea *Insubmissas lágrimas de mulheres*, o poema *A menina e a pipa borboleta* também de Conceição Evaristo, está presente no livro *poemas da*

recordação e outros movimentos, lançado no ano de 2021, e o conto *Preciosidade* está presente no livro, *Laços de família*, publicado em 1960

Antes de apresentar as obras selecionadas, faz-se necessário avisar, embora o que foi apresentado no referencial teórico já o tenha feito, sobre o quanto o assunto dos contos é sensível. Esses textos literários podem ser aplicados em sala de aula, porém é necessário que o professor tenha plena consciência de como deseja abordar o tema, pois é necessário um planejamento sensível na abordagem. Com turmas de alunos mais velhos, talvez, a abordagem se desenvolva de maneira mais rica e aprofundada. Vale ressaltar que os textos literários podem gerar gatilhos emocionais nos alunos, portanto o professor tem que ter competência e responsabilidade para falar do assunto.

Iniciamos com o poema de Conceição Evaristo.

A menina e a pipa-borboleta

A menina da pipa
ganha a bola da vez
e quando a sua íntima
pele, macia seda, brincava
no céu descoberto da rua,
um barbante áspero,
 másculo cerol, cruel
rompeu a tênue linha
da pipa-borboleta da menina.

E quando o papel, seda esgarçada,
da menina estilhaçou-se
entre as pedras da calçada,
a menina rolou
entre a dor e o abandono.

E depois, sempre dilacerada,
a menina expulsou de si
uma boneca ensanguentada
que afundou num banheiro
público qualquer (Evaristo, 2021).

No início do poema *A menina e a pipa borboleta*, de Conceição Evaristo (2021), vemos uma criança feliz. A autora utiliza palavras como *pele macia*, *seda* para destacar a delicadeza e a vulnerabilidade da menina, parecendo que ela tem uma infância leve e segura. Já a expressão *No céu descoberto da rua* dá-nos a sensação de que ela tinha liberdade e espaço para brincar e ser uma criança feliz.

Bruscamente, surge “Um barbante áspero, másculo cerol, cruel” (Evaristo, 2021), uma metáfora que a autora usa para falar do órgão masculino, que causa dor e rouba a infância de uma criança inocente. Os adjetivos *áspero* e *cruel* são usados para descrever a crueldade que a menina sofreu. Quando a escritora escreve o verso “Rompeu a tênue **linha** da pipa-borboleta

da menina” (Evaristo, 2021, grifo nosso), está simbolizando o exato momento do abuso, em que a infância e a alegria da menina foram bruscamente roubadas. A *pipa-borboleta* expressa a inocência, liberdade e a felicidade de viver a infância, o substantivo *linha* pode indicar o rompimento físico do hímen da criança o que é reforçado com o verbo *rompeu*, que expressa também a destruição causada pela violência. É importante notar que Evaristo utiliza metáforas poéticas para falar de algo tão brutal, o abuso sexual infantil.

Na segunda estrofe, vemos toda dor que a criança sofre “E quando o papel, seda esgarçada, da menina estilhaçou-se” (Evaristo, 2021). A metáfora que foi usada do papel seda da pipa que se estilhaça transmite a sensação de que a garotinha foi partida ao meio depois do que aconteceu. O verso “rolou entre a dor e o abandono” (Evaristo, 2021), mostra que ela se sente desamparada e sozinha e que a dor que foi causada pelo abuso não desaparece. A expressão *sempre dilacerada* aponta que esse sofrimento é profundo e constante.

No final, a frase “A menina expulsou de si uma boneca ensanguentada” (Evaristo, 2021) demonstra que, além do abuso, ela enfrenta um parto ou aborto indesejados. Quando a autora descreve o local *banheiro público qualquer* reforça o abandono da sociedade em relação à vítima, que apesar de tão nova, já precisou lidar com tanta dor. A localização do banheiro indica que o que ocorreu foi um aborto solitário em condições de abandono. A escolha das palavras cria um efeito no leitor, mostrando que, além do abuso, a vítima é forçada a lidar com outras dores, dores essas que ficam marcadas para sempre.

O conto *Shirley Paixão* é narrado em primeira pessoa pela própria Shirley, que relata o episódio traumático vivido por ela e por suas filhas. A trama se inicia quando Shirley passa a conviver com um homem viúvo e que já tinha três filhas. O seu ex-marido havia ido embora e nunca mais deu notícias, deixando-a com a responsabilidade de cuidar de suas duas filhas. Com o passar do tempo, as cinco criaram laços fortes de afeto e selaram uma verdadeira irmandade.

E, logo-logo, selaram irmandade entre elas. Pessoas desconhecidas, não sabedoras de nossa vida, nem imaginavam que o parentesco entre elas não tivesse o laço sanguíneo, pois fisicamente se assemelhavam. Ninguém dizia que elas eram filhas de mães e pais diferentes (Evaristo, 2016, p. 27).

Shirley amava igualmente as cinco meninas e vivia uma relação aparentemente normal com o companheiro: existiam brigas, mas nada fora do controle, segundo ela. Seni, a filha mais velha dele, era uma criança muito calada, sempre no seu cantinho. Shirley acreditava que esse silêncio refletia a falta que a menina sentia da mãe, que morreria.

Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs, ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio. Nos primeiros tempos de nosso convívio, era

mais caladinha ainda. Respeitei sua pouca fala, imaginei saudades contidas e incompreensão diante da morte da mãe. (Evaristo, 2016, p. 28).

A menina se preocupava demais com todos, principalmente com as irmãs. Mesmo quando Shirley tentava tirar essa responsabilidade dela, Seni continuava cuidando delas como se fosse sua obrigação. O que também chamava a atenção de Shirley era o fato de seu companheiro sempre implicar com a menina, nunca demonstrava amor paterno, por isso Shirley tentava suprir esse amor que a menina não tinha. “Ao pai, faltava paciência, vivia implicando com ela. Via-se que Seni não era a sua preferida, pelo contrário. Eu percebendo a dificuldade da relação dele com a menina, procurei ampará-la, abrigá-la mais e mais em mim” (Evaristo, 2016, p. 29).

Na escola, Seni também demonstrava um comportamento extremamente perfeccionista, o que chamou a atenção de uma de suas professoras. Preocupada, ela chamou Shirley para uma conversa, para entender o porquê de a garota apresentar tamanha exigência consigo mesma, a professora queria saber se, em casa, Shirley era muito rigorosa com a menina. Shirley explicou que, em casa, Seni também era assim, porém ela não cobrava nada da menina, apenas o pai que implicava com ela, então ficou decidido que Seni iria fazer terapia.

Certa vez, uma de suas professoras me chamou, para saber se, em casa, éramos severos com ela. Ela observara que Seni tinha mania de perfeição e uma autocensura muito grande. Expliquei para a moça que não. Que o pai implicava muito com ela, mas pouco ou nada exigia. (Evaristo, 2016, p. 29).

O que Shirley não esperava era a reação do companheiro: ele ficou tão furioso, que, se ela não estivesse junto à menina, ele poderia agredi-la. “Quando comentei com o pai dela a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Só faltou agredir fisicamente a menina, e acho mesmo que não investiu contra ela, porque eu estava por perto” (Evaristo, 2016, p. 30). Seni entrou em pânico, chorava desesperadamente e dava sinais claros de que algo estava acontecendo, mas Shirley ainda não entendia totalmente o porquê de seu marido reagir daquela maneira e porque Seni estava tão apavorada.

Até que, numa noite, o pai das meninas esperou Shirley dormir para entrar no quarto das meninas e pegar sua filha para machucá-la. “Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos” (Evaristo, 2016, p. 31). Essa noite não foi a primeira vez que ele abusava de Seni, na verdade isso já acontecia há muito mais tempo, porém de forma silenciada. No entanto, naquela ocasião, ela conseguiu gritar, ele achou que iria conseguir abusar dela como das outras vezes.

Seni, nesta noite, foi corajosa e gritou, rompendo o silêncio para se libertar de algo que vinha destruindo sua infância há anos. Mesmo com os gritos dela e das irmãs, ele não parava, continuou rasgando suas roupas e deixando a menina nua. Ele não traumatizou apenas Seni, mas todas as meninas, pois elas presenciaram tamanha crueldade. “Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro” (Evaristo, 2016, p. 32). As meninas não imaginavam que o agressor era o seu próprio pai, elas só gritavam apavoradas sem imaginar que o invasor, não era um estranho, mas aquele que deveria protegê-las.

Shirley já imaginava que poderia ser ele que estava no quarto das meninas, porém ela achou que ele só teria ido até lá para brigar, não imaginaria que ela iria ver tamanha brutalidade. Ao chegar no quarto, ela percebeu que ele estava tentando violentar o corpo da própria filha. “Só podia ser ele, mas não imaginava a brutalidade da cena. Por um momento, pensei que ele, na ignorância dele, tivesse subido ao quarto para brigar mais uma vez com Seni. Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida” (Evaristo, 2016, p. 32).

Foi nesse momento que Shirley não pensou duas vezes, ela precisava salvar sua menininha daquela crueldade; ela avistou uma pequena barra de ferro e golpeou a cabeça do agressor. Ela não pensou em nada: ou ela salvava sua filha ou ele iria continuar machucando-a. “Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só um levantar e abaixar da barra. Quando vi, o animal ruim caiu estatelado no chão” (Evaristo, 2016, p. 32).

“Não adianta me perguntar se me arrependi. Arrependi não. Confessei à polícia o meu desejo, a minha intenção” (Evaristo, 2016, p. 27). Shirley nunca se arrependeu do que fez. Tudo o que queria era salvar suas meninas, mesmo que isso lhe custasse sua liberdade; ela queria livrar sua filha de todo sofrimento.

Depois do ocorrido, Shirley só lembra de ter cumprido ordens; não podia banhar a menina e tinha que entregar Seni a sua vizinha para levá-la ao hospital. O homem não morreu e Shirley passou alguns anos presa por ter tentado salvar a sua filha. “O homem não estava morto. Recuperou a vida na cadeia. Eu vivi ainda tempos de minha meia-morte, atrás das grades, longe das minhas filhas e de toda a minha gente, por ter quase matado aquele animal” (Evaristo, 2016, p. 33).

Depois de quase trinta anos, as meninas continuam morando com ela. Seni ainda tentava buscar formas de superar as feridas do passado; tornou-se pediatra. “Seni continua buscando formas de suplantando as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vidas das pessoas. É uma

excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria” (Evaristo, 2016, p. 34). Seni continua querendo cuidar das pessoas e, mesmo depois de tanta dor e tantos traumas, ela está conseguindo superar.

O conto mostra o quanto é feroz o amor materno desejado. Mesmo sem laços de sangue, Shirley protegeu Seni. Além disso, o conto nos faz refletir sobre o abuso sexual, que pode acontecer em qualquer lugar, inclusive dentro de casa, cometido por alguém próximo. E reforça também que, muitas vezes, o abuso só para quando alguém tem coragem de agir e enfrentar a situação; como fez Shirley, que conseguiu salvar sua menina, mesmo depois de tantas dores. A dor de ser abusada vai acompanhar a vítima sempre, por mais que diminua, as marcas vão ficar.

O conto *Preciosidade*, de Clarice Lispector, narra a história de uma adolescente de quize anos que vivia tomada pelo medo, a menina acreditava ser preciosa, porém essa ideia não estava relacionada à vaidade ou à beleza física. Sua preciosidade era interna, algo que ela sentia que precisava proteger. Pressentia que essa preciosidade poderia ser violentada ou arrancada de si, motivo pelo qual ela se esforçava para passar despercebida, sobretudo diante dos homens.

Todos os dias ela acordava antes de todos para iniciar o seu trajeto. Ela não demonstrava preocupação em relação a sua aparência e, muitas vezes, sequer tomava banho, alegando que não havia tempo. Essa justificativa funcionava como uma estratégia para evitar olhares indesejados. A jovem buscava constantemente apagar qualquer traço que pudesse despertar a atenção masculina. “Quando de madrugada se levantava – passado o instante de vastidão em que se desenrolava toda – vestia-se correndo, mentia para si mesma que não havia tempo de tomar banho, e a família adormecida jamais adivinhara quão poucos ela tomava” (Lispector, 1960, p.77).

O medo era um elemento permanente na vida da menina, ela se mantinha em constante estado de alerta, antecipando sempre a possibilidade de algum acontecimento ameaçador; até mesmo tarefas simples acabavam despertando nela uma sensação de pavor. Ao subir no ônibus, por exemplo, ela entrava séria como uma missionária, como se estivesse cumprindo uma tarefa difícil. Essa postura era receio que ela tinha em relação aos operários que estavam no ônibus, temendo que eles olhassem ou dirigissem-lhe qualquer palavra.

Então subia, séria como uma missionária por causa dos operários no ônibus que "poderiam lhe dizer alguma coisa". Aqueles homens que não eram mais rapazes. Mas também de rapazes tinha medo, medo também de meninos. Medo que lhe "dissessem alguma coisa", que a olhassem muito (Lispector, 1960, p.78).

Ao mesmo tempo em que ela sentia medo dos homens, também tinha vergonha por desconfiar deles. Esse conflito a deixava confusa. Ela temia homens casados, idosos e até

mesmo o próprio pai, como se todos representassem algum tipo de ameaça. Essa sensação fazia com que ela andasse sempre de forma rígida, tentando não chamar atenção. “Ela sentia vergonha de não confiar neles, que eram cansados. Mas até que os esquecesse, o desconforto. É que eles “sabiam”. E como também ela sabia, então o desconforto. Todos sabiam o mesmo. Também seu pai sabia. Um velho pedindo esmola sabia” (Lispector, 2015, p. 121).

O medo constante transformava coisas simples do cotidiano, como caminhar pela rua, em uma verdadeira batalha interna. No ônibus, a principal estratégia dela era sempre procurar sentar-se ao lado de uma mulher, já que sua presença oferecia uma sensação de segurança e alívio. Era apenas nesse momento, desde que saía de casa, que ela experimentava uma breve trégua do seu medo. “A essa altura a batalha estava quase ganha. Escolhia no bonde um banco se possível vazio ou, se tivesse sorte, sentava-se ao lado de alguma asseguradora mulher com uma trouxa de roupa no colo, por exemplo — e era a primeira trégua” (Lispector, 1960, p. 79).

Ao chegar na escola, a menina enfrentava uma nova batalha, pois atravessar o corredor onde os colegas conversavam era, para ela, uma experiência angustiante. O som de seus sapatos era algo que ela não gostava, pois, em seu ponto de vista assustado, chamava a atenção de todos, exatamente o que ela desejava evitar. O barulho que ela não conseguia controlar aumentava sua vergonha e o medo de estar exposta no mesmo ambiente que os seus colegas.

Ainda teria de enfrentar na escola o longo corredor onde os colegas estariam de pé conversando, e onde os tacos de seus sapatos faziam um ruído que as pernas tensas não podiam conter como se ela quisesse inutilmente fazer parar de bater um coração, sapatos com dança própria (Lispector, 1960, p.79).

O percurso era como uma espécie de tortura. O desejo de tapar os ouvidos, revela sua vontade de escapar daquele momento de exposição. “Se o corredor demorasse um pouco mais, ela como que esqueceria seu destino e correria com as mãos tapando os ouvidos. Só tinha sapatos duráveis. Como se fossem ainda os mesmos que em solenidade lhe haviam calçado quando nascera” (Lispector, 1960, p. 79).

Outro espaço onde ela encontra refúgio é a sala de aula; ali, a tensão acumulada, desde que deixava sua casa, finalmente ameniza, permitindo-lhe ficar calma. No ambiente escolar, ela é tratada como um rapaz, o que para ela representa uma forma de proteção, já que ser percebida como menina a colocava em risco. Na escola, sua inteligência e curiosidade ganham um pouco de destaque e ela se sente respeitada. É na sala de aula onde ela pode revelar-se um pouco mais.

Até que, enfim, a classe de aula. Onde de repente tudo se tornava sem importância e mais rápido e leve, onde seu rosto tinha algumas sardas, os cabelos caíam nos olhos, e onde ela era tratada como um rapaz. Onde era inteligente. A astuciosa profissão.

Parecia ter estudado em casa. Sua curiosidade informava-lhe mais que respostas (Lispector, 1960, p. 80).

Ela voltava para casa cheia de fome e cansada; e esse cansaço se transformava em impaciência e ódio. O medo, que a acompanhava desde o início do dia, permanecia presente com ela, durante todo o trajeto de volta. Ela via sua aparência como um instrumento de defesa e, por se achar feia, consideraria que ninguém iria olhar para ela, seu maior temo.

A volta para casa era tão cheia de fome que a impaciência e o ódio roíam seu coração[...]. Nesta hora em que o cuidado tinha que ser maior, ela era protegida pela espécie de feiura que a fome acentuava, seus traços escurecidos pela adrenalina que escurecia a carne dos animais de caça (Lispector, 1960, p. 80).

Ao chegar em casa, ela deixava de se comportar como um soldado, pois, naquele espaço, já não precisava ter tanto cuidado, embora, mesmo que encontrasse um ambiente seguro, seu estado emocional não lhe permitia tranquilidade. Mesmo distante de qualquer ameaça, ela permanecia inquieta e em estado de alerta, como se o medo tivesse se tornado parte da sua rotina diária. “Na casa vazia, sozinha com a empregada, já não andava como um soldado, já não precisava tomar cuidado. Mas sentia falta da batalha das ruas. Melancolia da liberdade, com o horizonte ainda tão longe. Dera-se ao horizonte” (Lispector, 1960, p. 81).

Na manhã seguinte, a menina teria de enfrentar novamente o mesmo percurso marcado pelo medo, como se cada manhã representasse uma guerra a ser vencida até chegar à escola. Apesar de acordar sentindo-se uma princesa, essa sensação rapidamente se desfazia diante da necessidade de se vestir. “Tudo isso, sim. Longo, cansado, a exasperação. Mas na madrugada seguinte, como uma avestruz lenta se abre, ela acordava. Acordou no mesmo mistério intacto, abrindo os olhos ela era a princesa do mistério intacto” (Lispector, 1960, p. 82).

Uma certa manhã se mostrava ainda mais fria e escura que as anteriores, a rua estava silenciosa, as casas estavam fechadas e a falta de qualquer movimento reforçava ainda mais a sensação de solidão que já fazia parte da sua rotina. Como todos os dias, ela seguia o caminho de sempre, revivendo o desafio de proteger a sua preciosidade.

Era uma manhã ainda mais fria e escura que as outras, ela estremeceu no suéter. A branca nebulosidade deixava o fim da rua invisível. Tudo estava algodoadado, não se ouviu sequer o ruído de algum ônibus que passasse pela avenida. Foi andando para o imprevisível da rua. As casas dormiam nas portas fechadas” (Lispector, 1960, p. 82).

O medo que antes existia só na imaginação começa a ganhar forma quando ela percebe que não está sozinha na rua. No fim da rua, surgem dois homens e, imediatamente, seu coração dispara, o corpo alarma e o temor que ela carregava da presença masculina se intensifica. Por um instante, acredita ter se confundido de rua, numa tentativa de negar a situação. No entanto,

era o mesmo trajeto de todos os dias, mas ela havia falhado no horário, pois saía de casa antes que os homens desaparecessem. O desejo mais urgente dela, era que eles simplesmente sumissem, para que ela seguisse seu percurso em segurança.

Não, ela não estava sozinha. Com os olhos franzidos pela incredulidade no fim longínquo de sua rua, de dentro do vapor, viu dois homens. Dois rapazes vindo. Olhou ao redor como se pudesse ter errado de rua ou de cidade. Mas errara os minutos: saía de casa antes que a estrela e dois homens tivessem tempo de sumir. Seu coração se espantou (Lispector, 1960, p. 82).

Ao perceber que não estava sozinha, seu primeiro impulso foi voltar para casa, porém, mesmo sentindo o peso daquele momento e sabendo que seria observada, ela não conseguiu retornar. Era como se algo a prendesse ali, como se estivesse destinada a enfrentar exatamente aquela situação dolorosa, o que pode abrir para a interpretação de que não era a primeira vez que ela enfrentava essa situação. “O primeiro impulso, diante de seu erro, foi o de refazer para trás os passos dados e entrar em casa até que eles passassem: ‘Eles vão olhar para mim, eu sei, não há mais ninguém para eles olharem e eles vão me olhar muito!’ Mas como voltar e fugir, se nascera para a dificuldade” (Lispector, 1960, p. 82).

Mesmo tomada pelo medo, ela continuou andando e aproximando-se, cada vez mais, daqueles homens. Embora o pavor conseguisse fazer ela recuar, algo dentro dela a impulsionava a seguir em frente. Não era coragem, mas quase uma obrigação silenciosa de permanecer naquele caminho. Quando diz possuir um *dom* não se trata de algo positivo, e sim de uma espécie de marca que a empurra para aquele sofrimento, como se tivesse sido educada para aceitar a dor e como se essa dor fosse uma parte inevitável da vida das mulheres. “Ela os ouvia e surpreendia-se com a própria coragem em continuar. Mas não era coragem. Era o dom. E a grande vocação para um destino” (Lispector, 1960, p. 83).

Mesmo com muito medo, ela tenta controlar o corpo e apavorada ela continua andando “Rígida e catequista” como se fosse um ritual sagrado e estivesse a obedecer. Ela tentava, a qualquer custo, não causar susto, acreditando que, se parecesse calma, talvez conseguisse evitar o pior. Nesse momento, ela tenta convencer-se de que, caso ocorresse o pior, seria “rápido e sem dor”. “Rígida, catequista, sem alterar por um segundo a lentidão com que avançava, ela avançava. [...] Adivinhava o que o medo desencadeia. Ia ser rápido, sem dor” (Lispector, 1960, p. 84). A esperança de que os homens a deixassem passar ainda estava em seu pensamento: “Fazei com que eles não digam nada, fazei com que eles só pensem, pensar eu deixo. Ia ser rápido, e um segundo depois da transposição ela diria maravilhada, galgando-se para outras e outras ruas: quase não doeu” (Lispector, 1960, p. 84).

Apesar de todos os artifícios para se proteger, ela acaba sendo confrontada pelo seu maior temor. Ela se viu diante das quatro mãos que não sabiam como agir ou o que almejavam, mãos que a violentaram, que a tocaram sem permissão e a privaram do direito de reagir. A violência foi tão avassaladora que a única reação foi ficar paralisada.

O que se seguiu foram quatro mãos difíceis, foram quatro mãos que não sabiam o que queriam, quatro mãos erradas de quem não tinha a vocação, quatro mãos que a tocaram tão inesperadamente que ela fez a coisa mais certa que poderia ter feito no mundo dos movimentos: ficou paralisada (Lispector, 1960, p. 84).

O que aconteceu durou só alguns minutos, mas foi o suficiente para acabar com a vida de uma garotinha. Foi tempo bastante para roubarem a sua preciosidade, e deixaram uma marca que ela nunca esqueceria. Aqueles homens agiram como se tivessem poder sobre ela, como se ela não fosse dona do próprio corpo: “Foi menos de uma fração de segundo na rua tranquila. Numa fração de segundo a tocaram como se a eles coubessem todos os sete mistérios” (Lispector, 1960, p. 85).

Após a violência sofrida, o seu corpo tenta retomar o controle, porém o trauma a domina e ela não consegue reagir àquela situação, visto que o corpo e a mente são tomados por uma dor tão cruel que a única ação possível é ficar paralisada diante do horror recém ocorrido.

Até esse instante mantivera-se quieta, de pé no meio da calçada. Então, como se houvesse várias etapas da mesma imobilidade, ficou parada. Daí a pouco suspirou. E em nova etapa, manteve-se parada. Depois mexeu a cabeça, e então ficou mais profundamente parada (Lispector, 1960, p. 86).

Após a violência, a menina encontra-se em um estado de profunda desorientação. Sem saber se deveria correr, gritar ou permanecer no local; ela vivencia a confusão típica de quem enfrenta um trauma. Mesmo ferida emocionalmente e fisicamente, ela reúne forças para seguir em direção à escola, mas carrega consigo um sentimento avassalador de solidão. O trauma que acaba de sofrer era algo que ela temia diariamente. A sensação de abandono e de impossibilidade de ser amada é uma percepção comum entre vítimas de violência sexual: “Estou sozinha no mundo! Nunca ninguém vai me ajudar, nunca ninguém vai me amar! Estou sozinha no mundo!” (Lispector, 1960, p. 87).

O ponto mais doloroso após a agressão é que a jovem, marcada pelo trauma, internaliza a culpa pelo que sofreu. Isso revela um mecanismo social imposto às mulheres, que são responsabilizadas pela violência que as vitimiza. A adolescente que já vivia em estado de vigilância, evitando sorrir, tomar banhos matinais e buscando apagar sua própria presença para não chamar atenção e acaba atribuindo a si mesma a responsabilidade pelo ataque. Assim ela acredita que o ocorrido se deve ao fato de seus sapatos produzirem um som alto, como se esse

detalhe tivesse sido a causa da violência sofrida. “– Preciso de sapatos novos! os meus fazem muito barulho, uma mulher não pode andar com salto de madeira, chama muita atenção!” (Lispector, 1960, p. 87).

A experiência da menina tanto pode ser entendida como uma situação singular de abuso sexual, quanto uma alegoria da vida das mulheres em sociedade, as expectativas que são colocadas sobre elas, as escolhas que precisam ser feitas, o medo constante e as violências quase inevitáveis, mesmo diante das precauções tomadas.

4 UMA ABORDAGEM SENSÍVEL E EDUCATIVA PARA O COMBATE AO ABUSO SEXUAL

A pedagogia histórica-crítica (PHC), proposta por Dermeval Saviani, é uma abordagem educacional que busca entender a educação a partir da realidade concreta e das contradições que são presentes na sociedade de classes. Desse modo, a pedagogia histórica crítica procura articular a prática educativa à compreensão crítica da sociedade, propondo não apenas a transmissão de conhecimento, mas também a possibilidade da transformação social. A pedagogia histórica-crítica, está dividida em cinco momentos: prática social como ponto de partida, problematização, instrumentalização, catarse e prática social como ponto de chegada.

O ponto de partida inicial é a prática social, que é a realidade concreta e cotidiana na qual o aluno está inserido e da qual o professor também participa. É dessa prática que o trabalho deve partir. Segundo Savani (2008, p. 57), “O ponto de partida seria a *prática social* (primeiro passo), que é comum a professor e alunos. Entretanto, em relação a essa prática comum, o professor assim como os alunos podem se posicionar diferentemente enquanto agentes sociais diferenciados”, ou seja, eles estão em posições diferentes em relação ao objeto da educação.

O segundo momento é a problematização, que busca identificar quais questões precisam ser enfrentadas na prática social e quais conhecimentos são necessários para compreender e transformar. “Chamemos a este segundo passo de *Problematização*. Trata-se de detectar que questões precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimento é necessário dominar” (Savani, 2008, p. 57). Consideramos que tudo o que foi apresentado até aqui corresponde a esse momento do trabalho pedagógico.

O terceiro momento é a instrumentalização, que consiste no estudo dos conteúdos necessários para compreender e intervir na realidade. Não se trata de um ensino técnico ou mecânico, mas da apropriação crítica dos conhecimentos produzidos. “Trata-se da apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam

diuturnamente para se libertar das condições de exploração em que vivem” (Saviani, 2008, p. 57). A seleção dos instrumentos necessários aos alunos para enfrentar o abuso sexual deve ser feita por cada professor em cada situação concreta. Aqui, apresentamos uma alternativa pedagógica.

O quarto momento é a catarse, que é o momento em que o conhecimento que foi trabalhado deixa de ser algo externo para o estudante e passa a ser visto de forma consciente e crítica. “Trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social” (Saviani, 2008, p. 57). Não podemos pré-estabelecer o instante da catarse, pois ela é um processo subjetivo. A proposta abaixo busca criar condições para que ela ocorra em cada indivíduo envolvido na ação pedagógica.

Por último, o quinto momento é o ponto de chegada, que é também a prática social, mas agora não se trata de uma compreensão imediata, mas de uma visão mais crítica da realidade, mediada pela ação pedagógica desenvolvida. “[...] ponto de chegada é a própria *prática social*, compreendida agora não mais em termos sincréticos pelos alunos” (Saviani, 2008, p. 58), ou seja, os alunos devem chegar a uma síntese dos conhecimentos desenvolvidos na prática pedagógica.

Com base nos cinco momentos da pedagogia histórico crítica, foram elaboradas propostas didáticas que tem como objetivo trabalhar o assunto abuso sexual contra crianças e adolescentes por meio da literatura, de forma crítica e ligada à realidade social dos estudantes. Vejamos:

Quadro 1 – Sugestão didática com base na PHC.

1. Informações gerais	
Público-alvo:	3ºano do ensino médio
Duração:	seis (6) momentos de 50 minutos.
Objetivos:	- Realizar uma leitura crítica de textos literários que representam as situações de abuso sexual contra crianças e adolescentes; - Relacionar a literatura com a realidade social, reconhecendo o abuso sexual como um problema coletivo e não individual; - Compreender a necessidade de acolhimento às vítimas e de responsabilização dos agressores; - Perceber a importância de participar de ações de conscientização e de prevenção da violência sexual no contexto escolar.
Conteúdos trabalhados:	- Combate ao abuso sexual contra crianças e adolescentes e os direitos de proteção; - Leitura e interpretação de poema e contos; - A relação entre a literatura e a realidade social; - Produção de cartas, cartazes e notícias.
Recursos didáticos:	- Textos impressos do poema e dos contos; - Quadro e pincel; - Folhas e cartolinas para as cartas e os cartazes; - Celulares ou computadores para as pesquisas; - Impressora para fazer a impressão dos jornais.

2. Momentos pedagógicos	
1º momento: <i>A menina e a pipa borboleta</i> de Conceição Evaristo	Primeira parte (50 min): - Organizar uma roda de conversa para saber o que eles sabem sobre o assunto abuso sexual, se eles já ouviram falar. - Organizar com os alunos uma pesquisa em noticiários, reportagens recentes, sobre violência sexual. - Ainda na roda de conversa, convidar os alunos a lerem o poema <i>A menina e a pipa borboleta</i>. - Retomar a conversa sobre as primeiras impressões dos alunos sobre o poema. Algumas perguntas possíveis podem ser: o que chama atenção no poema; como a menina é apresentada; quais sentimentos aparecem no poema e quais relações podem ser estabelecidas entre o poema e as notícias discutidas na roda de conversa. - Aprofundar as perguntas a serem realizadas, como: de que maneira o poema mostra que a menina está em uma posição de fragilidade ou exposição? Quais as partes centrais do poema? - Explorar os recursos literários do poema, metáforas, escolhas lexicais etc. Segunda parte (50 min): - Propor que cada aluno escreva uma carta direcionada a menina do poema, manifestando o apoio, escuta e acolhimento diante da situação vivenciada por ela. - Organizar exposição no mural da escola, de modo que outros alunos, professores, funcionários e familiares tenham acesso a essas cartas produzidas pelos alunos. - Retomar a conversa, perguntando quais foram as impressões que os alunos tiveram diante do assunto e o que foi modificado ou aprofundado diante da leitura do poema e da escrita da carta.
2º momento: <i>Shirley Paixão</i> de Conceição Evaristo	Primeira parte (50 min): - Realizar a leitura do conto <i>Shirley Paixão</i> de Conceição Evaristo, juntamente com a turma. - Promover uma roda de conversa, incentivando os alunos a falarem sobre as relações familiares representadas no conto. - Trabalhar o conto de maneira organizada, oferecendo aos alunos estratégias para compreender a construção literária, quanto o problema social que atravessa a narrativa. - Organizar uma pesquisa coletiva e o estudo de trechos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que tratam do direito e proteção contra qualquer forma de abuso ou exploração contra crianças e adolescentes. Segunda parte (50 min): - Organizar a confecção de cartazes e uma pequena campanha de sensibilização sobre o abuso contra crianças e adolescentes, enfatizando especialmente os casos que ocorreram dentro de casa. Obs: os cartazes podem trazer frases de efeito, informação e acolhimento, trazer também orientações sobre canais de denúncia, como o disque 100 e o Conselho Tutelar, além de mensagens de apoio às vítimas para reforçar que a culpa nunca é delas. - Os cartazes devem ser expostos nos locais de circulação da escola, de modo que outras pessoas vejam saibam da importância de romper o silêncio, acolher as vítimas e denunciar os abusos.
3º momento: <i>Preciosidade</i> de Clarice Lispector	Primeira parte (50 min): - Propor que a turma forme pequenos grupos e solicitar uma pesquisa em jornais e portais de notícias, sobre casos de violência sexual, assédio ou importunação contra crianças ou adolescentes ocorridos no trajeto de casa para a escola, em transportes públicos ou em ruas pouco movimentadas. - Organizar um mural que com as notícias encontradas.

	- Realizar a leitura do conto <i>Preciosidade</i>. - Conversar com a turma sobre os principais acontecimento da narrativa, incentivando os alunos a reconstruírem o percurso da personagem, o trajeto diário até a escola, o medo constante dos olhares masculinos, as estratégias que ela utiliza para tentar passar despercebida. e pôr fim à violência sofrida na rua. - Propor uma interpretação do conto, fazendo perguntas que estimulem a reflexão da turma, como: por que a menina tenta se esconder o tempo todo? O que a narrativa revela sobre o medo de andar sozinha pelas ruas? De que maneira o conto mostra que, mesmo tomando cuidado, a vítima se culpa pelo que aconteceu? - Registrar as principais ideias, mostrando como o texto literário dialoga com situações reais de violência sexual. Segunda parte (50 min): - Solicitar a produção de notícias relacionadas à segurança de crianças e adolescentes. Os estudantes podem escolher temas como a proteção de crianças na entrada e saída da escola, a ausência de iluminação pública e policiamento em alguns bairros perto da escola ou ações de prevenção ao assédio perto da escola. - Organizar as notícias produzidas pelos alunos em formato de jornal, contendo título, subtítulo, notícia e os dados coletados nas pesquisas realizadas. - Imprimir o material para ser distribuído para os alunos, professores, funcionários e responsáveis.
3. Extras	
Sugestões extras	- Organização de uma roda de conversa com um psicólogo e com um assistente social para falar sobre o tema. - Criar uma caixa de recado anônima na escola, para que os alunos possam deixar suas dúvidas ou pedir ajuda. - Trabalho com o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo para desenvolver a conexão dos textos trabalhados com a vivência coletiva de mulheres negras no Brasil.
Sugestão de vídeos	Vídeo 1: Aula sobre Shirley Paixão - Conto de Insubmissas Lágrimas de Mulheres de Conceição Evaristo: https://www.youtube.com/watch?v=Ze5sUSM9dhY. Vídeo 2: Clarice Lispector - 100 Anos Especial: https://www.youtube.com/watch?v=fs0Rt-vkMM. Vídeo 3: CONCEIÇÃO EVARISTO Escrevivência: https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY.

Fonte: Elaboração das autoras (2025).

O primeiro momento da proposta desenvolve uma atividade sobre o poema de Conceição Evaristo. Na atividade, será abordado o que é o abuso sexual contra crianças e adolescentes, considerando que eles já ouviram falar sobre esse tipo de violência, em algum noticiário ou com alguém próximo. Propusemos uma roda de conversa, com o objetivo de compreender como os alunos enxergam esse problema e quais são os discursos que mais aparecem em suas falas: medo, silenciamento, culpabilização da vítima etc.

Essa atividade seria seguida da leitura do poema propriamente dita mais o aprofundamento do debate, conforme indicado no quadro. A intenção desse momento é fazer com que os alunos percebam que a literatura, ao representar uma menina em uma situação de fragilidade, também trata da realidade de muitas crianças e adolescentes, permitindo

problematizar relações de desigualdade de gênero e violência que, desde muito cedo, marcam a experiência das mulheres. Desse modo, o poema funciona como base para aprofundar o problema social já apresentado, fazendo com que a turma olhe para além dos casos dos noticiários, tendo uma compreensão mais crítica e sensível do tema.

A análise mais detida do léxico e dos significados presentes no poema permitem que os alunos percebam como o poema, por meio de escolhas de linguagem, sugere situações de violência, controle, silêncio e culpa das vítimas por mais que não seja nomeada de forma direta. A atividade de produção de cartas possibilita que os alunos elaborem pela escrita seus sentimentos e posicionamento em relação ao tema, reconhecendo a necessidade de acolhimento com as vítimas e de responsabilização dos agressores. A proposta de exposição permite que o debate sobre abuso sexual contra crianças e adolescentes ultrapasse os limites da sala de aula e seja exposto em um espaço coletivo da escola, estimulando o acolhimento e a atenção diante dessas violências.

Nossa proposta pedagógica de trabalho com o conto *Shirley Paixão* envolve a análise literária do texto, além do desenvolvimento de cartazes para uma campanha comunitária sobre abuso sexual, sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e sobre os canais de denúncia disponíveis para protegê-las. A leitura do conto deve ser feita em voz alta, de forma compartilhada entre professor e os alunos, pausando para esclarecer termos, expressões e passagens mais fortes, assim garantindo que todos compreendam o enredo e a gravidade da situação narrada. A conversa sobre as relações familiares representadas no conto busca destacar como o abuso pode ocorrer dentro de casa, ser silenciado por anos e marcar de forma profunda a vida das vítimas, além disso é importante destacar a importância do rompimento do silêncio.

A leitura compartilhada do conto, com pausa para comentar os trechos em destaques, serve para destacar elementos como a narração em primeira pessoa, o lugar de fala de Shirley enquanto mãe e as marcas de dor, culpa e revolta que são presentes durante o seu relato, além da construção linguística da autora.

A atividade de produção coletiva de cartazes de campanhas comunitárias ajuda aos alunos a transformarem o que foi debatido em ações concretas de conscientização. O compartilhamento dos cartazes com a comunidade escolar é importante para que o problema seja percebido como comunitário, mas também para a percepção de há formas de encontrar ajuda para as pessoas que passam pelo problema.

No terceiro momento, a proposta é aproximar os alunos de realidades concretas de abuso sexual e da insegurança vivida por crianças e adolescentes em espaços públicos. Propusemos, antes da leitura coletiva do conto *Preciosidade*, de Clarice Lispector, uma pesquisa em jornais

e portais de notícias para focalizar na vulnerabilidade de crianças e adolescentes, mas também na responsabilização da sociedade para proteção dessas crianças. Alguns temas podem ser destacados pelo professor, como o medo de andar sozinhos, o combate à culpabilização da vítima, a naturalização da violência e a falta de políticas de proteção. Esse momento inicial permite que os alunos vejam que a situação que será desenvolvida no conto, não é um caso isolado, mas um problema social.

Importante destacar que o professor deve propor uma interpretação do conto, convidando os estudantes a comentarem como eles compreenderam o medo da protagonista, sobre qual o sentido de preciosidade, o que a personagem poderia considerar precioso nela mesma, bem como pode ser uma oportunidade para que os alunos pensem sobre suas próprias preciosidades e a forma como o conto representa o abuso sexual.

Podem ser retomados trechos que mostram a tentativa da menina de se apagar no espaço público, o esforço para não chamar atenção e, principalmente, o modo como ela se considera responsável pelo que aconteceu. O professor pode conduzir uma discussão sobre como a linguagem do conto revela uma realidade de muitas vítimas de abuso sexual como o medo constante, a dificuldade de falar, a ideia de que a culpa é da vítima. Desse modo, a análise literária irá ampliar a compreensão dos alunos sobre o silenciamento e a culpabilização que muitas vítimas de abuso sexual sofrem.

A proposta de produção de jornal interliga a abordagem do tema, a importância de perceber o problema e de abordá-lo pelo jornalismo, além da socialização com a comunidade escolar, atividade de responsabilização social de todos com o problema do abuso sexual. A entrega dos jornais pode ocorrer em um momento específico, como na entrada dos alunos na escola ou no término das aulas, de modo que os alunos façam uma breve explicação sobre o objetivo do jornal e convidem a todos a refletirem sobre a segurança de crianças e adolescentes nos trajetos de casa para escola. Dessa maneira, o trabalho ultrapassa os limites da sala de aula, estimulando o debate coletivo sobre a proteção, a responsabilidade da comunidade escolar pela segurança dos alunos e a necessidade de ambientes mais seguros para as crianças e os adolescentes.

A proposta apresentada não é a única forma de abordar o tema, mas objetivamos mostrar que é possível utilizar a aula de literatura para enfrentar alguns problemas que a literatura representa. Nossa postura diverge daquelas que pensam que a melhor saída para lidar com temas difíceis na literatura é excluir ou ignorar textos literários que os abordam. Ao contrário, percebemos esses textos como oportunidades de trabalho pedagógico.

Gostaríamos de destacar, ainda, que não reivindicamos o esvaziamento do literário na abordagem pedagógica e, por isso, dedicamos uma seção à análise literária dos textos que trabalhamos. No entanto, o foco do trabalho é articular a literatura com um problema social gravíssimo com vistas a construir uma abordagem pedagógica possível que atue na consciência dos alunos para construírem uma sociedade diferente, mas também para ajudá-los a se proteger e a acolher aqueles que enfrentam esse problema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral refletir como o ensino de literatura pode contribuir para uma abordagem sensível e educativa do combate ao abuso sexual contra crianças e adolescentes no âmbito escolar. Realizamos um estudo bibliográfico e documental, com foco na categorização do crime de abuso sexual na legislação brasileira de proteção à criança e ao adolescente, bem como sobre os fundamentos da literatura. Com os resultados dessa primeira etapa, elaboramos uma proposta didática voltada para turmas do 3º ano do ensino médio.

O primeiro objetivo específico da pesquisa foi tipificar e caracterizar o crime de abuso sexual contra crianças e adolescentes, suas formas de manifestação e seus impactos na vida das vítimas. Esse objetivo foi alcançado por meio dos estudos de autores que falam sobre a temática e da análise de dados e documentos oficiais, o que permitiu reconhecer o abuso como uma grave violência, marcada, muitas vezes, pelo silêncio, medo e pela falta de acolhimento adequado.

O segundo objetivo foi analisar o papel da escola e da literatura na abordagem desse tema, considerando tanto os limites quanto as possibilidades de intervenção no âmbito escolar, por meio de uma revisão teórica sobre o ensino de literatura e a educação. Foi possível compreender que a escola, embora não substitua os serviços especializados, tem um papel importante na prevenção, na identificação de sinais e na construção de espaços de acolhimento e escuta.

Por fim, o terceiro objetivo foi elaborar uma proposta didática, com base em textos literários que tratam de maneira sensível situações de abuso e de violação de direitos. Esse objetivo foi realizado com a elaboração das propostas didáticas, organizados em três momentos, a partir da análise do poema *A menina e a pipa borboleta* e do conto *Shirley Paixão* de autoria de Conceição Evaristo, além do conto *Preciosidade* de Clarice Lispector. As atividades planejadas procuraram trabalhar leitura, debate, produção escrita e ações de sensibilização, com foco no acolhimento das vítimas, na responsabilização do agressor e na divulgação de canais de denúncia.

Entre os principais resultados desta pesquisa, podemos destacar que o ensino da literatura pode ser um importante caminho para problematizar o abuso de forma responsável para fortalecer a voz de crianças e dos adolescentes. A proposta didática elaborada busca mostrar que é possível trabalhar o tema em sala de aula com cuidado, respeito e escuta, contribuindo para que os alunos reconheçam situações de violência, saibam que a culpa nunca é da vítima e que conheçam os direitos das crianças e adolescentes.

Apesar dos avanços, esta pesquisa apresenta algumas lacunas. A proposta didática não foi aplicada em contexto real de sala de aula, o que nos impede de analisar como os estudantes reagiriam às atividades e que ajustes seriam necessários. Embora esse objetivo constasse da proposta inicial desta pesquisa, não houve tempo hábil para realizá-lo. Além disso, o número de obras analisadas foi limitado, já que outros textos que tratam do tema poderiam ter sido incluídos, o que não impede que seja feito por aqueles que desejarem aprofundar ou aplicar a proposta.

Para estudos futuros, sugerimos pesquisas que acompanhem a aplicação de propostas didáticas sobre abuso sexual em turmas de ensino básico, analisando as reações dos alunos, as dificuldades que os professores enfrentaram e a possibilidade de diálogo entre as redes de proteção. Também seria importante relacionar o ensino de literatura com outras áreas do conhecimento, como projetos interdisciplinares voltados à prevenção da violência sexual.

Por fim, considera-se que este trabalho contribuiu para o campo do ensino de literatura e para os estudos sobre o combate ao abuso sexual contra crianças e adolescentes, ao defender que o tema pode e deve ser discutido na escola de maneira crítica e cuidadosa. A proposta didática apresentada contribui para que os professores de Linguagens e suas Tecnologias planejem práticas de leitura literária comprometidas com a defesa dos direitos de crianças e adolescentes e com o enfrentamento das violências que atravessam o cotidiano escolar. Dessa maneira, a pesquisa colabora para o melhor entendimento do papel da literatura na formação de pessoas mais conscientes, sensíveis e capazes de reconhecer, questionar e denunciar situações de abuso sexual.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Portal de Periódicos. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente.**

Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 10 fev. 2025.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. *Relatório de Atendimentos do*

Disque 100. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal.** Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm. Acesso em: 14 maio 2024.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ESQUIVEL, Carla Liliane Waldow; ABREU, Patric Barbosa de; SOUSA, Valquiria Lucena de; CHAVES, Elizangela Dias de. A escola e o abuso sexual infantil: uma análise acerca do papel e da responsabilidade jurídica social da escola e do educador. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 20, n. 39, p. 307-322, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HABIGZANG, Luisa Fernanda; CAMINHA, Renato Maiato. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes: conceituação e intervenção clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1960.

NEVES, Glaucilene Regina et al. A literatura como recurso pedagógico no combate ao abuso sexual na educação infantil. In: MOSTRA DE TRABALHOS EM EDUCAÇÃO – POR UMA PEDAGOGIA INTEGRADORA DE SABERES, 14., 2024, Ubá. **Anais [...]**. Ubá, MG: UNIFAGOC, 2024. p. 1-16.

OLIVEIRA, Márcio de; SILVA, Fernando Guimarães Oliveira da; MAIO, Eliane Rose.

Violência sexual contra crianças e adolescentes: a escola como canal de proteção e de denúncia. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*, Florianópolis, v. 38, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

APÊNDICE: LISTA DE OBRAS QUE ABORDAM ABUSO SEXUAL

Título	Autor(a)	Comentário
Preciosidade (conto)	Clarice Lispector	A narrativa explora a questão do assédio que uma jovem enfrenta ao retornar para casa, destacando os impactos desse acontecimento traumático em sua vida.
Ponciá Vicêncio	Conceição Evaristo	O romance aborda, de maneira sensível e crítica, diferentes tipos de violência sofridos pela personagem, como a violência doméstica, a violência sexual, o racismo e as desigualdades sociais que marcam sua existência.
O peso do pássaro morto	Aline Bei	O livro explora o impacto do abuso sexual na protagonista, desde o momento da violência até as consequências que se manifestam em sua vida adulta.
Shirley Paixão (conto)	Conceição Evaristo	A narrativa mostra uma menina negra, pobre, vítima de abuso sexual por um homem mais velho, alguém com autoridade e poder sobre ela.
A mais azul dos meus olhos	Toni Morrison	A experiência mais traumática da personagem é o abuso sexual cometido por seu próprio pai, um ato que não é apresentado de maneira sensacionalista, mas sim como resultado de uma cadeia de violências históricas, sociais e afetivas que desumanizam toda a família.
A cor Púrpura	Alice Walker	Pobre e praticamente analfabeta, Celie foi abusada, física e psicologicamente, desde a infância pelo padrasto e depois pelo marido.
Lolita	Vladimir Nabokov	O romance é contado pela perspectiva do pedófilo, abusador, que tenta romantizar e justificar o abuso cometido contra uma menina.
O caderno rosa de Lori Lamby	Hilda Hilst	Uma menina de oito anos narra, em seu caderno rosa, suas experiências sexuais, supostamente aliciada pelos próprios pais.
Não há pássaros aqui	Victor Vidal	O romance conta a história de uma mulher que ao retornar à casa da mãe, depois que esta desaparece, passa a recordar uma série de violências que viveu na infância, mas que deixaram significativas marcas em sua vida adulta.

Fonte: elaboração das autoras (2025).